

**MINISTÉRIO DA CULTURA**

**Ministra**  
Graça Fonseca

**Secretária de Estado**  
Ângela Carvalho Ferreira

**DIREÇÃO-GERAL  
DO PATRIMÓNIO CULTURAL**

**Diretora-Geral**  
Paula Araújo da Silva

**Subdiretores-Gerais**  
João Carlos dos Santos  
David Santos  
Filipe Campos Silva  
António Filipe Pimentel

**MUSEU NACIONAL  
DE ARTE ANTIGA**

**Diretor**  
António Filipe Pimentel

**Diretor-Adjunto**  
José Alberto Seabra Carvalho

**CONSELHO DE CURADORES DO MUSEU  
NACIONAL DE ARTE ANTIGA**

**Presidente Honorário**  
Marcelo Rebelo de Sousa

**Presidente**  
António Filipe Pimentel

**Vice-Presidentes**  
José Alberto Seabra Carvalho  
José Blanco  
Emílio Rui Vilar

**Vogais**  
Alexandre Relvas, Álvaro Sequeira  
Pinto, António Horta Osório, António  
Mega Ferreira, Fernando Faria de Oliveira,  
Fernando Nogueira, Guilherme d'Oliveira  
Martins, José de Arez Romão, Maria  
Filomena Molder, Pilar del Río Sánchez

**GRUPO DOS AMIGOS DO MUSEU  
NACIONAL DE ARTE ANTIGA**

**CONSELHO DIRETOR**

**Presidente**  
José Blanco

**Vice-Presidente**  
Helena Galdes

**Vogais**  
Alberto Marques  
Emília Baptista da Silva  
Luís Cancela de Abreu  
Manuela Bravo Serra  
Maria Renée Gomes  
Maria Teresa Nandin de Carvalho  
Pedro Aguiar Branco

**ASSEMBLEIA GERAL**

**Presidente**  
Luís Eduardo Mendia de Castro

**Vice-Presidente**  
Ana Esquível

**Secretário**  
Manuel Gorjão Henriques

**CONSELHO FISCAL**

**Presidente**  
Luís Brito Correia

**Vogais**  
Cristina Salgado  
Filipe Abreu

**MUSEU NACIONAL  
DE ARTE ANTIGA**

31 mai – 29 set  
2019

M U S E U  
D A S

DES  
CO  
BIER  
TAS

# A experiência do museu

1. Todos, mais ou menos, saberemos trautear de ouvido a famosa sentença de ser «a experiência madre das coisas». Menos, contudo, serão os que sabem ter sido ela inscrita na obra *Esmeraldo de situ orbis* (c. 1506), de Duarte Pacheco Pereira (1460-1533), português e cosmógrafo. Muito poucos, seguramente, conhecerão o seu inteiro teor: «a experiência, que é madre das cousas, nos desengana e de toda a dúvida nos tira» (Pereira, 1892, 1.º livro, cap. 2.º, p. 7). Por ela, pois, se ministra ao leitor a importante noção de que o trabalho (o trabalho da ciência) é inerente ao exercício de experienciar. Sendo este o tema da viagem que propõe a exposição *Museu das Descobertas*, pareceu pertinente recordá-lo aqui.

Nem todos, de igual modo, estarão familiarizados com a velha parábola, evocada por Walter Benjamin (1892-1940), no seu ensaio *Experiência e Pobreza* (1933), sobre um pai moribundo que, no seu leito de morte, revela aos filhos a posse de um tesouro que teria enterrado em sua velha vinha abandonada. Inebriados pela tentação da riqueza fácil, revolvem estes, dia e noite, a terra herdada; em vão. Com a chegada do outono, porém, veio esta a converter-se na mais frutífera de toda a região, colhendo a cupidez dos jovens, nas uvas abundantes, a lição que o pai se aplicara em transmitir-lhes: a de que a felicidade é uma *experiência* e que esta se tempera no trabalho contínuo e aplicado e na posterior colheita do seu fruto (Benjamin, 1987, pp. 114-119). E é disso, justamente, que cura a exposição presente.

Sobre o sentido da *experiência do museu* será, porventura, eloquente um episódio que pude testemunhar e que me marcou e, por tal razão, se afigura útil convocar também. Corria o ano de 2007 ou 2008, se a memória não me traiçoa (antes, em qualquer caso, de que pudesse imaginar vir um dia a assumir a direção do MNAA), quando, passando pelo Porto, me dirigi a Serralves, a fim de ali ocupar um par de horas subitamente disponíveis. Era visita de mera rotina de higiene cultural, sem relação direta com qualquer evento da programação do seu museu, pelo que flanava (como usa dizer-se), sem destino certo, quando, de súbito, desemboca, na sala onde me achava, um grupo que reputei (no mínimo) de não convencional: um número avultado de idosos (o conteúdo, imaginei, de um autocarro de turismo), indiciando, na sua aparência, provirem de um meio rural, desembarcado, sem apoio de guia ou orientação de qualquer espécie, no último local onde haveriam imaginado um dia entrar, ao que intuí por efeito de um qualquer programa de *animação cultural* a que falecera melhor alternativa. Fácil será imaginar que se converteriam no meu foco de interesse.

Atónitos, conservavam-se em coesão gregária, como em esforço de auto-proteção, murmurando *sottovoce* ser *aquilo* coisa mais própria para os respetivos filhos, se não mesmo para os netos... Pouco a pouco, porém, deslaçou-se o bloco defensivo inicial: primeiro um, depois outro, aventurou-se nas salas, como movido por oculta força, não tardando que a dispersão se convertesse em norma, cada

qual observando, com curiosidade crescentemente indisfarçável, as obras de arte dispostas pelo espaço, que sobre eles exerciam, afinal, magnético fascínio. E quando, enfim, chegou a hora de sair, fizeram-no, também, um por um: com relutância agora, transfigurados por efeito da *experiência* que (um por um) acabavam de viver; uma experiência que os mudara, como a sua contemplação me mudou a mim.

Um último episódio, desta feita tendo por cenário o próprio MNAA, uma década volvida (2017), permitirá talvez captar o essencial sentido dessa *experiência do museu*. Na própria explicação de António Olaio (o autor de uma ideia que, na sua formulação final, terminaria envolvendo 75 artistas contemporâneos), o projeto *Em Directo do Museu de Arte Antiga* «começou por querer sê-lo, literalmente, o Colégio das Artes com uma ligação direta com o Museu Nacional de Arte Antiga, onde uma câmara transmitiria imagens em tempo real da entrada do Museu. Visitantes que entravam e saíam, portas de vidro que se abriam e fechavam, transparências e reflexos em que o fora de campo deixava momentaneamente de o ser. Do Museu só veríamos a entrada, dinâmica como uma respiração. O lugar da câmara escolheu-o António Filipe Pimentel. Disse que este era o pulmão do Museu. A entrada e a saída. Fiquei sem saber se o Museu respirava ar ou se respirava pessoas. Possivelmente as duas coisas.»<sup>1</sup>.

2. Um museu *respira pessoas*, com efeito — como se de um pulmão amplo se tratasse. É esse o *ar* que o alimenta. Porém, o que o singulariza entre os restantes equipamentos culturais, mais ou menos *musealizados* — monumentos e palácios, sítios patrimoniais ou centros interpretativos (onde, em regra, se persegue a miragem contra a qual adverte a história exemplar de Walter Benjamin) —, que de igual modo parecem *respirar pessoas*, é o facto de semelhante oxigenação não se processar simplesmente *com* elas mas *para* elas, em contínua diálise entre as que o fruem e as que o fazem, nessa operação se observando a sábia sentença de Duarte Pacheco Pereira: se a experiência «é madre das coisas» é porque «nos desengana e de toda a dúvida nos tira».

O efeito transfigurador que o museu opera (como *em directo* me foi dado ver no episódio referido de Serralves) é, pois, a consequência de um mundo insuspeitado de saberes, aplicados no contínuo labor de *preservar, estudar e comunicar* (seja ainda nas mais adversas circunstâncias), dissipando *engano* e *dúvida* e fornecendo ao visitante (um por um) o sentimento de ser *ele* o objeto central desse trabalho. O museu existe, pois, para proporcionar uma *experiência* pessoal, ela mesma fruto da que desenvolvem os que nele se aplicam, dia após dia, com o fito de levar cada visitante a *respirar*, numa viagem ao seu próprio interior, que, no consciente ou no subconsciente, constitui, na verdade, o designio essencial que o alimenta no momento justo em que decide entrar.

Era esse duplo efeito (no confronto visível entre a expectativa dos que chegam e o impacto da experiência nos que saem) que a câmara de Olaio buscava captar, no preciso pulmão onde o Museu parece *respirar pessoas*<sup>2</sup>. E tal operação é, afinal,

<sup>1</sup> <http://colegiodasartesexposicoes.pt/exposicao/o-colegio-das-artes-em-directo-do-museu-de-arte-antiga>.

exercício vital à Humanidade: não só porque a *Beleza salva*, como afirma esse extraordinário texto que dá pelo nome de *Carta aos Artistas*, mas porque (como nele igualmente se diz) aquela, realmente, necessita — tanto como de água ou pão — de pausas felizes de respiração, para poder conservar o ritmo duro do trabalho e do esforço<sup>3</sup>.

A *experiência do museu* assenta, pois, no ato magnético e muito pessoal da contemplação, e esta, por seu turno, origina-se no valor insubstituível do objeto (encapsulado no seu habitáculo ficcional), como testemunho (in)temporal e redentor da capacidade criadora humana, cuja *verdade*, liberta de todo o *engano* e *toda a dúvida*, o saber dos que no Museu laboram se empenha em devolver. É no êxtase particular e iniciático da contemplação que radica o poder do museu: o poder de suspender o tempo (esse tempo voraz em que vivemos) proporcionando um encontro essencial com o próprio *eu*. Por isso, um museu (ao invés de outros *espaços musealizados*) é, por natureza, inesgotável, multiplicando, infinita e perpetuamente, as possibilidades da sua fruição, nas múltiplas viagens que permite a cada um. Por isso, o museu constitui pilar essencial na organização social contemporânea e será esta, decerto, pertinente descoberta, no tempo em que vivemos.

Foi por tudo isso que ao Museu Nacional de Arte Antiga pareceu oportuno levar a cabo a organização do presente projeto, abrigado (em deliberada picardia) sob a designação provocadora de *Museu das Descobertas* — num tempo que assiste a uma renovada atualidade do conceito de *museu*, amplamente ilustrada na febre constitutiva de novas instituições (mesmo que, na aparência, mais dadas à pesquisa do ouro do que ao cultivo afincado da terra e da vinha). Um projeto que trata disso mesmo: de uma casa que *respira pessoas*, mas que, muito especialmente, se faz *por e para* elas, com a *experiência* as transformando; de uma casa que existe para esse mesmo fim (a fruição da experiência), com esse fito mobilizando um conjunto globalmente insuspeitado de saberes e técnicas, que importará, por isso, fazer (pedagogicamente) *descobrir*.

E esta tarefa do Museu, essencial à qualidade da experiência, cumpre ainda o papel social — na verdade único e insubstituível — de mediador entre o universo, forçosamente hermético, da produção do conhecimento (na verdade em cooptação do saber universal) e a comunidade social no seu conjunto (essas pessoas que o museu respira), num peculiar exercício de cidadania, afinal, de *direito à experiência*. Idealizada como exercício azado de pedagogia, a exposição conduz-nos em viagem de objetiva atualidade ao (re)encontro da missão e da função de uma das grandes criações do mundo ocidental.

É, pois, de tudo isto que trata este *Museu das Descobertas*: do ato individual de contemplar, mas igualmente das suas condições essenciais, onde a *felicidade* se opera pela experiência do trabalho — nas ações conjuntas de preservar, de estudar, ou de comunicar, nos permanentes desafios de ligar, de religar ou

desvendar, no perpétuo empenho em conservar e restaurar ou ainda na missão inestimável de remir e de salvaguardar. É disto tudo, com efeito, que se alimenta a *experiência do museu*. É isso que, sobremodo, importa descobrir.

3. Este amplo conjunto de razões ilustra um dos projetos seguramente mais mobilizadores desenvolvidos em muito tempo pelo MNAA: a necessidade de refletir sobre o museu (enquanto instituição e ação), na responsabilidade exemplar que decorre da sua dimensão, representatividade e História, convocando o pleno das suas valências operacionais. Um reconhecimento extenso se impõe, por conseguinte, ao empenho de uma Equipa cuja alma há muito sobreleva as forças do corpo...

É certo, porém, que este *Museu das Descobertas*, que ora se apresenta, é já ato cumprido — como o é o tempo longo da sedimentação do seu próprio *ethos*, de igual modo disponibilizado, como experiência pertinente, ao visitante. Na missão deputada de preservar, estudar, comunicar, se tempera, todavia, um dever (de salvaguarda) que a todos nós incumbe; como especialmente incumbirá o de protegê-lo e projetá-lo no futuro, a cada geração cumprindo adubar a vinha para as que virão.

Ao exercício pedagógico enunciado não poderia, assim, faltar o reconhecimento de tantas generosidades exemplares que, pelo tempo fora, insistiram nesse contributo ao legado comum, a fim de potenciar a *experiência do museu* e de ampliar, quanto possível, o seu poder de suspensão do tempo. O museu, afinal (este Museu), não respira só pessoas: respira, essencialmente, Amigos.

Por isso se impõe deixar aqui expressa menção a quantos permitiram que este particular exercício se materializasse: a Direção-Geral do Património Cultural, em que o MNAA se integra; o GAMNAA — Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga, que aqui renova o seu fundamental apoio à respetiva produção; o BPI e a Fundación La Caixa, que alicerçam, por esta via, uma vez mais, o seu compro-misso com o *primeiro museu* — o qual, por sua vez, justamente por essa sua condição, se não esquece nunca de que a deve aos outros. Por isso mesmo esta exposição realmente trata do(s) *museu(s) como experiência*.

Instituição feita de e com pessoas, a todos e a cada um se impõe que deixe aqui — pela última vez — o meu particular *Muito Obrigado!*

António Filipe Pimentel  
Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga  
Lisboa, 30 de maio de 2019

2 O texto de António Olaio prossegue, esclarecendo: «Mas as razões da arte não são suficientes para que seja autorizada uma câmara em directo num espaço público. E, assim, surge este livro que dá outra forma a esta ideia» (<http://colegiodasartesexposicoes.pt/exposicao/o-colegio-das-artes-em-directo-do-museu-de-arte-antiga>).

3 [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html).

# Exposição

## PROJETO

Anísio Franco  
António Filipe Pimentel  
José Alberto Seabra Carvalho

## COMISSARIADO

Adelaide Lopes  
Alexandra Gomes Markl  
Ana Kol  
Ana Rita Gonçalves  
André Afonso  
Anísio Franco  
António Filipe Pimentel  
Celina Bastos  
Conceição Ribeiro  
Inês Gaspar Silva  
Irina Duarte  
Joaquim Oliveira Caetano  
José Alberto Seabra Carvalho  
Luísa Penalva  
Maria da Conceição Borges de Sousa  
Maria João Vilhena de Carvalho  
Marta Carvalho  
Miguel Soromenho  
Patrícia Milhanas Machado  
Paula Brito Medori  
Ramiro A. Gonçalves  
Rui André Alves Trindade  
Susana Campos  
Teresa Serra e Moura

## APOIO AO COMISSARIADO

José Manuel Carneiro  
Luís Montalvão

## PROJETO MUSEOGRÁFICO

Manuela Fernandes, DGPC

## TEXTOS

Alexandra Gomes Markl  
José Alberto Seabra Carvalho  
Paula Brito Medori

## TRADUÇÃO

John Elliott

## REGISTRAR

Ana Kol (coord.)  
Inês Gaspar Silva

## CONSERVAÇÃO E RESTAURO

MUSEU NACIONAL  
DE ARTE ANTIGA  
Agostinho Oliveira  
Conceição Ribeiro  
Sofia Júlio  
Susana Campos  
Teresa Serra e Moura

## LABORATÓRIO JOSÉ

DE FIGUEIREDO  
Belmira Maduro  
Elsa Lopes  
Francisca Figueira  
Lília Esteves  
Luis Pedro  
Margarida Cavaco  
Mariana Cardoso  
Mercês Lorena  
Paula Cruz  
Paula Monteiro  
Teresa Félix  
  
Alexandra Kalinina, estagiária  
Andreia Ribeiro, colaboradora  
Maria José Moinhos, DGPC  
Mariana Cardoso, colaboradora  
Raquel Cunha, colaboradora  
Rosário Loureiro, colaboradora

## DESIGN GRÁFICO

Sónia Teixeira Pinto

## PRODUÇÃO GRÁFICA

De Metro a Metro  
Ocyan

## VÍDEOS

Alexandra Rodrigues  
Ana Sousa  
Black Shell Digital Design  
Márcio Laranjeira  
Overshoot

## CONSTRUÇÃO

J. C. Sampaio Lda.

## MONTAGEM

Equipa do Museu Nacional  
de Arte Antiga  
Anísio Franco e Inês Gaspar Silva  
(coord.)

## ILUMINAÇÃO

Vitor Vajão, Atelier de Iluminação  
e Eletrotecnia, Lda.

## SEGURANÇA

Luísa Penalva (coord.)

## ACOLHIMENTO E VIGILÂNCIA

Patrimonium – Gestão e Promoção  
de Bens Culturais

## COMUNICAÇÃO

Paula Brito Medori (coord.)  
Ana Sousa  
Ramiro A. Gonçalves  
Rui Mestre

## SERVIÇO DE EDUCAÇÃO

Adelaide Lopes  
Ana Rita Gonçalves  
Irina Duarte  
Marta Carvalho

# Catálogo

## COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

José Alberto Seabra Carvalho  
Miguel Soromenho

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Sousa

## APOIO À COORDENAÇÃO

Celina Bastos

## TEXTOS

Adelaide Lopes (AL)  
Alexandra Gomes Markl (AGM)  
Ana Kol (AK)  
Ana Rita Gonçalves (ARG)  
Anísio Franco (AF)  
Celina Bastos (CB)  
Conceição Ribeiro (CR)  
Inês Gaspar Silva (IGS)  
Irina Duarte (ID)  
Joaquim Oliveira Caetano (JOC)  
José Alberto Seabra Carvalho (JASC)  
Luísa Penalva (LP)  
Márcio Laranjeira (ML)  
Maria da Conceição Borges de Sousa (MCBS)  
Maria João Vilhena Carvalho (MJVC)  
Marta Carvalho (MC)  
Miguel Soromenho (MS)  
Patrícia Milhanas Machado (PMM)  
Ramiro A. Gonçalves (RAG)  
Rui André Alves Trindade (RAAT)  
Susana Campos (SC)  
Teresa Serra e Moura (TSM)

## DESIGN GRÁFICO

Sónia Teixeira Pinto

## REVISÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

## CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Alexandra Rodrigues e Milene Almeida: fig. 7.  
Arquivo Laboratório José de Figueiredo: figs. 1-4, 8, 15.  
Arquivo MNA: figs. 16-19, 30-32, 35-46, 50, 53.  
Cenjor (Carmo Gravelho: fig. 48; Ricardo Dias: fig. 52).  
DGPC/Arquivo de Documentação Fotográfica:  
Alexandra Encarnação (coord.); Alexandra Encarnação,  
Élia Marques (conservação); Luísa Oliveira, José  
Paulo Ruas (fotografia); Tânia Olim, Sofia Torrado  
(inventariação); Pedro Barros (tratamento de imagem)  
(Carlos Monteiro: cats. 80, 81; José Pessoa: cats. 5, 22, 23,  
26, 27, 34, 38, 42, 46, 54-57, 62, 64, 68, 71, 76, 78, 85; Luís  
Pavão: cat. 51, 72, 75, 79; Luísa Oliveira: cats. 1, 2, 28, 33,  
40, 47-48, 50, 52, 58, 59, 66, 67, 69, 73, 77, 84, 88, 89, 98,  
105, 107, 113, 115 e figs. 31, 33; Luísa Oliveira e José Paulo  
Ruas: cats. 4, 39, 63, 70, 90; Paulo Alexandrino: cats. 7, 8,  
15-21, 24, 25, 29-32, 35-37, 3-45, 53, 60, 61, 74, 82, 83, 86,  
87, 91-94, 99-104, 106, 108-112, 114, 116-117 e figs. 6, 55;  
DGPC/ADF: figs. 29, 47, 51).  
DGPC/LJF, Luís Piorro: cats. 6, 11-14, 49; figs. 24, 25, 28.  
Francisca Pulido Valente: cat. 9.  
Gabinetto Fotografico delle Gallerie degli Uffizi, Florença:  
fig. 23.  
João Pedro (Black Shell Digital Design): figs. 11, 12.  
Longshot: cat. 95.  
Márcio Laranjeira: cat. 97.  
Mário de Oliveira: cat. 41.  
Maya Kosa & Sérgio da Costa: cat. 3.  
MNA, Paulo Alexandrino: figs. 13, 14, 20, 34, 49, 54.  
MNA, Sónia Costa: cat. 10; figs. 9, 10, 26, 27.  
Museu de Marinha: fig. 5.  
Museu Nacional del Prado, Madrid: fig. 22.  
RMN-Grand Palais (domaine de Chantilly) / Thierry  
Ollivier: fig. 21.  
The Metropolitan Museum of Art: cat. 65.  
Vasco Melo, Câmara Municipal de Lisboa: cat. 96.

## IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

© **EDIÇÃO:** MNA e INCM, 2019

© **TEXTOS:** os seus autores, 2019

## ISBN

978-972-27-2775-4

## DEPÓSITO LEGAL

454640/19

## N.º DE EDIÇÃO

1023314

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

